



ROSA, Maria Carlota. *Era uma vez uma gramática que não tinha Morfologia*. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Número especial 2013. [<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br>]

ERA UMA VEZ UMA GRAMÁTICA QUE NÃO TINHA MORFOLOGIA

Maria Carlota Rosa^{3*}

RESUMO

Numa obra seiscentista, anterior, portanto, não somente ao surgimento da Linguística mas também ao termo Morfologia, de que meios um gramático podia lançar mão para descrever a estrutura e formação das palavras? Para isso, tomamos por base uma obra escrita no Brasil dos anos finais do século XVII: a *Arte da língua de Angola*, do jesuíta Pedro Dias (1697). A obra descreve o quimbundo, língua do grupo banto, ainda hoje falada em Angola. Insere-se no modelo de descrições jesuíticas para línguas do Novo Mundo que tinha por base a gramática latina de Manuel Álvares. Sem unidades como raiz ou prefixo, é com unidades como letra e palavra que Dias descreve a complexa morfologia dessa língua.

PALAVRAS-CHAVE: Estrutura da palavra; Gramáticas missionárias; Historiografia Linguística; Século XVII; Tradições descritivas.

ABSTRACT

In seventeenth-century work, writing, therefore, before not only the emergence of linguistics but also to the term morphology, that way a grammarian could refer to the word formation? For this, we based on a work written in Brazil in the last years of the seventeenth century: *Arte da língua de Angola* (Jesuit Pedro Dias, 1697). The work describes the quimbundo, Bantu language group, still spoken in Angola; it is part of the Jesuit model descriptions for languages of the New World which was based on the Latin grammar of Manuel Alvares. Based on units such as letter and word, Dias describes the complex morphology of this language.

KEYWORDS: Word structure; Missionary Grammars; Linguistics Historiography; Seventeenth century; Descriptive traditions.

3. Doutor em Letras (Linguística). Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Linguística e Filologia/ Programa de Pós-Graduação em Linguística. Meus agradecimentos aos Professores Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora), Mercedes Hackerott (Universidade Paulista) e Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) pelas questões levantadas sobre versão anterior deste texto. Endereço eletrônico: carlota@ufrj.br.

Introdução

Numa obra seiscentista, de que meios um gramático podia lançar mão para descrever a estrutura e formação das palavras? Para responder a essa pergunta, o presente trabalho toma por base a *Arte da língua de Angola*, obra do jesuíta português Pedro Dias (?1621-1700), escrita no Brasil e publicada em Lisboa em 1697. Dias escreveu sua obra em período anterior à criação do termo *morfologia*. Seu trabalho é também anterior ao emprego de *prefixo* ou *raiz* nos textos em português, unidades descritivas que não estavam, portanto, à disposição de Dias. O objetivo do presente trabalho é analisar como Dias levou a cabo essa tarefa com o instrumental teórico com que pôde contar.

A “*língua de Angola*” é o quimbundo, língua africana do grande grupo banto, ainda hoje falada em Angola. Dias parece tê-la aprendido no Brasil, onde entrou para a Companhia de Jesus quando tinha por volta dos 20 anos e onde viveria até à morte, não havendo notícias de que alguma vez tenha estado em Angola. Por conseguinte, Dias é um não nativo escrevendo para não nativos, a saber, seus companheiros de Ordem. O quimbundo, diferentemente do latim e do português, conta com complexos sistemas de gênero e de morfologia verbal, marcados por unidades de som e significado que nos são familiares como *prefixos*.

Retomando Law (1997), pretende-se demonstrar que a *Arte* de Dias, quase do século XVIII, ainda revela aspectos do que a autora denominou uma *perspectiva auditiva da língua*, que caracterizou as gramáticas da Antiguidade e do início da Idade Média, mas que também apresenta traços de uma *perspectiva visual da palavra*, presente na linguística moderna.

Sem morfologia

Na literatura recente, *morfologia* é “a parte da gramática que estuda a estrutura das palavras” (Crystal, 1994: 258), “o estudo da estrutura gramatical das palavras e das categorias realizadas por elas” (Matthews, 1997: 233), o “ramo da linguística” que “lida com a estrutura das palavras” (Bauer, 2004: 1), “a estrutura da palavra, ou o ramo da linguística que estuda esse assunto” (Trask, 2004: 199), “o sistema mental envolvido na formação de palavras ou o ramo da linguística que lida com as palavras, sua estrutura interna e como são formadas” (Aronoff & Fudeman, 2005:1-2), “a morfologia dedica-se a um tipo específico de formas, que são as palavras” (Villalva, 2008: 17), “o estudo da formação de palavras” (Lieber, 2010: 2).

Na gramática de Dias não se encontra o termo *morfologia*, como era previsível. O *Dicionário etimológico* de José Pedro Machado (1967) situa em 1873 o registro mais antigo dessa palavra em português, estampada no *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, de Fr. Domingos

Vieira (1775-1857)⁴. O *Dicionário Houaiss* (2009), em suporte eletrônico ou papel, não informa sua fonte no verbete, mas recua essa data para 1858. Como destacou, porém, Luiz Claudio Walker de Medeiros (*comunicação pessoal*), esse uso pioneiro em português, que Walker de Medeiros demonstrou tratar-se da sexta edição do dicionário de Antônio de Moraes Silva (1755-1824), ainda não se estendia aos estudos linguísticos⁵, o que já ocorre na edição de 1881 de Caldas Aulete⁶ (Walker de Medeiros, *comunicação pessoal*).

José Pedro Machado informa que *morfologia* surge no português vinda do francês *morphologie*, registrada naquela língua em 1841, por seu turno tomada do alemão *Morphologie*, formação atribuída ao naturalista e famoso escritor Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832).

Quando Goethe começou a empregar a palavra *Morphologie*, por volta de 1796 (Jahn, 2012), não o fez no desenvolvimento de estudos sobre a linguagem ou línguas, mas sobre a história natural. Pretendia que essa palavra denominasse “a formação e a transformação da natureza orgânica” (“*Bildung und Umbildung organischer Naturen*” - Jahn, 2012), e demonstrava a necessidade do neologismo, para que com ele se caracterizasse de forma precisa um significado que não encontrava em dois outros termos alemães, *Gestalt* e *Bildung*:

*O ser vivo pode ser decomposto nos seus elementos, mas a partir deles não se pode reconstituí-lo e devolver-lhe a vida. Isto é verdadeiro já para muitos corpos inorgânicos, e com maior razão para os orgânicos. É por isso que em todas as épocas também se manifestou no homem de ciência um impulso para reconhecer as formações vivas enquanto tais, de apreender as suas partes exteriores tangíveis e visíveis, para as aceitar como indícios e, assim, dominar de certo modo o todo na intuição. [...] Encontramos, por conseguinte, no curso da arte, do saber e da ciência, várias tentativas para fundar e desenvolver uma doutrina, a que gostaríamos de chamar **Morfologia** ... O alemão tem para o conjunto da existência de um ser real a palavra*

4. Obra póstuma. O manuscrito de Vieira seria terminado por um “conjunto de colaboradores”, dentre eles Adolpho Coelho e Teófilo Braga (Verdelho, 2007: 39-40)

5. SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 6ed. melhorada, e muito accrescentada pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão. Portugal: Typographia de Antonio de José da Rocha, 1858. 2vol. Nele lê-se: “MORFOLOGIA, [...] t. didact. Historia das fórmãs , de que a materia póde ser revestida. §. Goethe, em hist. natural serviu-se d’este vocabulo, na significação de formação, e transformação dos corpos organicos. §. Parte da anatomia que tracta da descripção da fórma, posição e relações dos orgãos: é mais usualmente dicta *anatomia descriptiva*”.

6. AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. s.l. [Lisboa: Imprensa Nacional]; s.d. [1881]. A segunda acepção do verbete já conta com a rubrica *Ling*: “(Ling.) A formação das palavras; as diversas transformações por que ellas podem passar ou na mesma lingua ou na transição de uma lingua para outra: Ora está hoje demonstrado á evidencia que a *morphologia* da nossa lingua é apenas uma variação no typo da latina (Lat. Coelho)”.

'forma' (Gestalt). Com este termo ele abstrai do que está em movimento, admite que uma coisa consistente nos seus elementos seja identificada, fechada e fixada no seu caráter. [...] A nossa língua costuma servir-se, e com razão, da palavra **'formação' (Bildung)** para designar tanto o que é produzido como o que está em vias de o ser. Portanto, se quisermos introduzir uma **Morfologia**, não devemos falar de forma; se, pelo contrário, usarmos a palavra, então **temos de tomá-la em qualquer dos casos apenas como ideia** [...] Cada ser vivo não é uma coisa singular, mas uma pluralidade; mesmo no caso em que nos aparece como indivíduo, persiste, contudo, como uma coleção de seres vivos autônomos, que, segundo a ideia, segundo a disposição, são iguais, mas quando se manifestam podem ser iguais ou semelhantes, desiguais ou dissemelhantes. Estes seres estão em parte originariamente já unidos, em parte encontram-se e reúnem-se. Separam-se e procuram-se de novo e provocam assim uma produção infinita de todas as maneiras e em todas as direções.

(Zur Morphologie ['Sobre a morfologia'], 1817. Tradução em Kestler, 2006: 47 - ênfase adicionada)

Quando entrou em uso, o termo ainda não contemplava os estudos linguísticos. Seu emprego seria inicialmente estendido para a medicina por Karl Friedrich Burdach (1776-1847) em 1800, a quem se atribui o primeiro uso impresso do termo. Em 1859, August Schleicher (1821-1868) introduzia o termo nos estudos linguísticos, ao empregá-lo no título *Zur Morphologie der Sprache* (Booij, Lehmann & Mugdan, eds., 2000: 16-19).

Na época de Dias não havia uma parte da gramática designada por *morfologia*. Constatar essa ausência não equivale a estabelecer um juízo de valor em relação à obra. *Morfologia*, ou *fonologia*, ou *sintaxe* não são divisões naturais da realidade, mas o resultado de teorização sobre o objeto observacional (*vide* Dascal & Borges, 1991).

Não havia uma parte da gramática designada por *morfologia*. O que havia, então?

A transição de uma concepção auditiva para uma concepção visual

Pedro Dias foi um autor jesuíta do século XVII, e seu modelo descritivo foi a gramática latina do também jesuíta Pe. Manuel Álvares (1526-1583), *De Institutione grammatica libri tres*, publicada pela primeira vez em 1572⁷. A relação entre ambas as obras é tal que Dias pôde enunciar suas regras sobre o quimbundo com apenas duas ou três palavras e um "etc.". Seus leitores sabiam que o ponto em análise

7. Para uma visão geral da obra de Álvares, ver Fernandes (2007); Martínez Gavilán (2010).

estava presente na obra de Álvares, que esses mesmos leitores podiam acessar de memória. Por exemplo: “*Interrogatio et responsio, etc.*” (Dias, 1697: 39) está por extenso em Álvares (II, 116): *Interrogatio, & Responsio casu consentiunt* [‘A pergunta e a resposta concordam em caso’].

A obra de Dias não tem a extensão da obra de Manuel Álvares, e a amplitude de cada uma já pode ser extraída de seus títulos. A obra alvaresiana tem no título a palavra *insitutio, -onis*. Como observou Pereira (2006: 15n1), esse termo deriva do verbo *instituere*, ‘formar, educar, instruir’, o que o levou a optar por traduzi-la não por “instituição”, mas por “educação”. Por seu turno, o livro de Dias é uma *arte*, e, neste sentido, é um conjunto de instruções que deixa de lado questões teóricas e regras “*especiais da língua latina*” para focalizar apenas as que “*se podem accommodar à dos Ambundos*” (Dias, 1697: 33). Por essa razão aqui nos reportamos à obra alvaresiana para o que fundamenta a *Arte*.

Os três livros da gramática de Álvares tratam da Etimologia, da Sintaxe e da Prosódia, e a obra apresenta a gramática como constituída por quatro partes (Álvares, 1572: 46): *Ortografia, Prosódia, Etimologia e Sintaxe*⁸, inserindo-se, desse modo, numa visão surgida na Idade Média tardia (Law, 1997: 262). A cada uma das partes constitutivas da gramática correspondia uma unidade de análise: a *letra* para a *Ortografia*, a *sílaba* para a *Prosódia*, a *palavra* para a *Etimologia* e a *oração* para a *Sintaxe*. Cada unidade de análise formava a unidade do nível imediatamente superior:

Syllaba fit ex literis vna, vel pluribus, vt A, le, as. [...] Dictio fit ex syllabis, vt Aleas: interdum fit ex vna syllaba, vt Mors. Oratio fit ex dictionibus, vt Aleas fuge. Mortem meditare.

[‘A sílaba é composta das letras, uma ou várias, assim: *a, le, as*. [...] A palavra é feita de sílabas, assim: *aleas*; algumas vezes, de uma sílaba, assim: *mors*. A oração é feita de palavras, assim: *Aleas fuge; Mortem meditare*.] Álvares (1572: 46)

Embora Álvares tenha escrito no século XVI e Dias, no XVII, ambas as obras ainda ecoam aspectos do que Law (1997: 250) definiu como um “*modo primariamente auditivo de conceber a língua*” que caracterizou as gramáticas da Antiguidade. A proposta de Law pode ser colocada em paralelo com a relação oralidade-literacia na antiga Grécia: uma sociedade que, apesar de contar com a escrita, fez da oralidade a forma privilegiada de transmissão e criação de conhecimento. Sócrates, por exemplo, não escreveu tratados, e Platão é sempre lembrado no ataque à palavra escrita em *Fedro*, ou ainda numa carta que lhe é atribuída:

8. Não somente Álvares. Outros gramáticos portugueses têm em mente a mesma arquitetura da gramática, como João de Barros (1540: 2v): ‘*Os quais pârtem a sua Grammatica em quáto pârtes: ã Ortografia, que tráta de letera, em Prosodia, que tráta de syllaba, em Ethimologia, que tráta da diçam, e em Syntaxis, a que respõde a cõstruçã, á imitaçã dos quáes, (por temos as suas pârtes,) diuidimos a nõssa Grãmatica*’.

todo homem_sério, que trate de assuntos realmente sérios, acautelar-se-á de escrever e de expor, por esse meio, suas ideias à inveja e à incompreensão da multidão. Daqui se deve tirar a seguinte conclusão: quando vemos composições escritas, quer por um legislador sobre as leis, quer por outrem sobre qualquer assunto, devemos asseverar que o autor não tomou a coisa a sério, se é que dá mostras de seriedade, e que seu pensamento permanece encerrado na parte mais bela de seu ânimo. Mas se se verifica o caso de realmente haver consignado por escrito suas reflexões, como coisas de suma importância, isso significaria que não os deuses, mas sim os mortais fizessem que ele desarrazoasse.”

(Platão, *Carta VII*)

Como nota Carruthers (2008: 34), mesmo o verbo grego que podemos traduzir por ‘ler’ reportava, em princípio, a uma atividade relativa à memória: a)?)nagignw ‘skw significava ‘conhecer bem ou a fundo’, ‘lembrar’, ‘juntar’; também a forma latina *lego* reporta a ‘lembrar’, ‘juntar’. “*Mesmo quando existia um texto escrito, ele era lido em voz alta*” (THOMAS, 1999: 5).

É também a prioridade da transmissão oral que está em jogo nas recomendações de que a composição de um texto deveria levar em conta unidades de significado completo/incompleto e ritmo: *coma, cólon e período*. Quintiliano (IX, 121-125) cita Cícero para defender que o período, por exemplo, não deveria ter extensão maior que o fôlego decorrente de uma inspiração, nem que dificultasse a memorização. Ao serem assinalados na escrita em sinais de pontuação a que deram nome, coma, cólon e período foram descritos não apenas em termos da completude ou não do sentido, mas também da duração das pausas. A ênfase na expressão oral é duradoura e pode ser encontrada, por exemplo, numa gramática latina quinhentista, a *Noua grammatices marie matris dei virginis ars*, do português Estêvão Cavaleiro (*flor.* 14-15-):

Sane virgula paruam moram in prolatione exigit. comma longiusculam cum suspensa tamen voce. Colus & periodus prolixius interuallum desiderant.

[‘A vírgula, em verdade, exige uma pequena demora na prolação; a coma, um pouco maior, mas com a voz suspensa. O cólon e o período exigem um intervalo pouco mais prolongado’ - Trad. Miguel Barbosa do Rosário e Carlos K. Tannus].

E, muitos séculos depois, numa sociedade que privilegia a concepção visual, a definição dos sinais de pontuação ainda reflete essa perspectiva auditiva:

A vírgula marca uma pausa de pequena duração [...] O ponto assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente. [...] Como o nome indica, este sinal [**o ponto e vírgula - MCR**] serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódios que assume no texto. No primeiro caso, equivale a uma espécie de ponto reduzido; no segundo, assemelha-se a uma vírgula alongada. (Cunha, 1972: 591-599)

No contexto em que Dias escreveu, a *letra* é uma unidade complexa cuja *potestas* remete ao que poderíamos chamar *fonologia*, mas que combina a esse valor uma representação na escrita, a *figura*. As letras formam sílabas, que, por seu turno formam a palavra, mas letras e sílabas são unidades constitutivas da palavra que se reportam à expressão oral.

Segundo Law, a transição para um “*modo primariamente visual de conceber a língua*”, que nos deu a imagem da palavra e a possibilidade de segmentá-la em partes, foi lenta e teve como cerne a mudança “*imperceptível para uma análise implícita radical-terminação*” (LAW, 1997: 256) que começa a surgir no século IX. Law (1997: 256) demonstrou que, se nos manuscritos do século VIII os paradigmas das declinações são apresentados em texto corrido e com a abreviação da primeira sílaba de cada palavra gramatical — como, por exemplo, *pes dis di dem pes pede* para *pes pedis pedi pedem pes pede* — no século seguinte já é possível encontrar abreviaturas para os paradigmas consistentemente baseadas não em sílabas, mas em radical-terminação: *fidecenes num nibus nes nes nibus* para *fidicines fidicinum fidicinibus fidicines fidicines fidicinibus*.

Dias escreveu no século XVII, mas os vestígios da tradição auditiva na *Arte* estão presentes e são perturbadores para um leitor atual nos primeiros contactos com a obra, como nesta regra de formação do pretérito:

Os verbos, que na primeira pessoa do Indicativo tiverem ao menos 4. syllabas, sendo vogal U, & acabando o verbo em La, ou Na, mudarão a syllaba La, em I, & acrescentarão a syllaba Le. E os que acabarem em Na, assim mesmo mudarão a syllaba Na, em I, & acrescentarão a syllaba Ne. Exemplo de ambos:

La, Nguissucula, eu lavo. Ngassucule, lavei.

Na, Nguibucana, eu tropeço. Ngabucaine, tropecei.

Advirta-se porèm que estes preteritos são sincopados.

(Dias, 1697: 27)

O tratamento que Dias dá aos dados do quimbundo é o que se verá a seguir.

A descrição do quimbundo por Dias

Dias descreveu uma língua sem “declinações, nem casos” (p.4). Deixava claro que estava diante de uma língua diferente do latim, uma vez que não encontrara um sistema para assinalar a relação entre o nome e o verbo ou preposições (o caso), expresso morfologicamente (as declinações). Mas declarava que o quimbundo “tem singular, & plural” (p.4) Não era tarefa pequena descrever “singular, & plural”. E Dias dedica páginas a demonstrar que os nomes em quimbundo distribuem-se em classes nominais, reconhecidas pela concordância. Pode-se extrair do texto de Dias, levando-se em conta apenas os prefixos nominais, as informações que preencheram o quadro abaixo (ROSA, 2013: 107):

(a) Relação singular-Plural em quimbundo: Prefixos Nominais

Classe	Prefixo	Exemplo	Classe	Prefixo	Exemplo	Valor dominante ⁹³
1	mu-	<i>mutu</i> 'homem'	2	a-	<i>atu</i> 'homens'	humanos
3	mu-	<i>muxi</i> 'árvore, pau'	4	mi	<i>mixi</i> 'árvores, paus'	plantas, objetos
7	ki-	<i>kikala</i> 'trabalho'	8	i-	<i>ikala</i> 'trabalhos'	aumentativos, objetos fabricados, inanimados
9	i-/Ø	<i>hanga</i> 'perdiz'	10	ji-	<i>jihanga</i> 'perdizes'	nomes próprios humanos animais, fenômenos naturais
12	ka-	<i>kamusete</i> 'caixinha'	13	tu-	<i>tumusete</i> 'caixinhas'	diminutivo
5	ri-/Ø	<i>(ri)soxi</i> 'lágrima'	6	ma-	<i>masoxi</i> 'lágrimas'	
11	lu-	<i>luto</i> 'colher'				

Dias não podia analisar a estrutura interna das palavras em *raiz*, *afixo*, *prefixo*, *sufixo*. Essa tradição, introduzida no Ocidente por volta do século XVI, não vinha da tradição greco-latina, mas do contacto com gramáticas do hebraico (LAW, 1997: 257). Ainda não estava presente em textos portugueses do século XVII. Não obstante a ausência dessas entidades teóricas, Dias introduziu questões relativas ao significado nas estruturas que procurava descrever .

A explicação de como formar o plural a partir do singular se faz, basicamente, em termos de sílabas; por outro lado, os exemplos estão em colunas, não mais em texto corrido:

Todos os nomes, que no singular começarem pelas syllabas, ou letras abaxo, começarão no plural em Ma, & seu adjectivo no singular começará em Ri, & no plural em A, *verbi gratia*. Nbata rinène, casa grande. Mabata anène, casas grandes.

Ca Camba, amigo. Macamba, amigos.

Que Quehin, precipicio, ou rochedo. Maque-hin, precipicios.

E Embe, Maembe, Pombos.

Y Yala, Mayala, Machos.

Gi Ngina, Magina, Nomes.

U Uanga, Maiüanga, Feitiços.

Co Cota, Macota, Mais velhos.

Cu Cunda, Macunda, Corcovas.

La Lao, Malao, Riquezas.

Le Leza, Maleza, Fraquezas.

Exceção da syllaba, Ca, são os diminutivos, os quaes todos no singular começam em Ca, & no plural em Tu, & seus adjectivos co-//meção no singular por Ca, & no plural em Tu, *verbi gratia*. Camucete, caixinha. Tumucete tua üaba, caixinhas bonitas.

(Dias, 1697: 4-5)

Ao afirmar que todos esses plurais começam por *ma*, Dias não deixa tão nítida a fronteira entre a sílaba e uma unidade que também conta com significado.

Se o exemplo acima pode ser dúbio, o esmaecimento de fronteiras entre a sílaba e uma unidade com significado surge de modo mais evidente em outros pontos da descrição, como no exemplo a seguir:

Qualquer nome adjectivo, ou sustantivo, a que no principio juntarmos esta syllaba Qui, fica muito aumentado. *verbi gratia*. Quiyala, homemzarraõ de muitas forças. Pelo contrario, se puzermos a particula Que, que significa negação, fica a cousa muito diminuta. *verbi gratia*. Queyâla, ho mem muito pequeno, pusilanime, &c. E mais claro ficará se lhe acrescentarmos a syllaba ne. *verbi gratia*. Queneyala; por-

que são duas negações, & nesta lingua duas negações exagerão o *que* se nega. E o mesmo he nos adjectivos, & adverbios.

(Dias, 1697: 41)

Qui é uma sílaba, mas uma sílaba que marca o aumentativo. Quanto a *Que*, a introdução do significado na descrição parece levar ao emprego do termo *partícula*, e não a *letra* ou *sílaba*:

Segunda advertencia he, que a letra A, acrescentada, & collocada entre a particula distinctiva da pessoa, & o verbo, he sinal universal de preterito: verbi gratia. <üazola>zola, tu amavas. Gagiba giba, eu matava. Gazolele, eu amei. üazolele, tu amaste.

(Dias, 1697: 11)

As vezes serve a particula Ne, para fazer o verbo negativo, & esta he a mais usada entre os Ambundos; tambem se achaõ algũas vezes o Que, & o Ne, juntamente antes do verbo. verbi gratia. Quenengagiba, não matei.

(Dias, 1697: 22)

As particulas distinctivas das pessoas, são as seguintes: Singular. 1. Ngui, 2. ü, 3. ü. Plurar. 1. Tu, 2. Mu, 3. A.

(Dias, 1697: 11)

Ao introduzir significado na descrição, nem sempre *partícula* é um elemento que se distingue de modo claro de *palavra*:

Tem o verbo negativo a mesma conjuga ção que o verbo, Cuzóla, de que fallamos, ao qual acrescentando esta palavra Caná, antes, ou depois do verbo, fica negativo. verbi gratia. Canangazóla, não amo. Canángagiba, não matei. Porém posta antes, & depois do verbo, nega com efficacia. verbi gratia. Canángagiba caná, não matei não.

(p.21)

Tambem usaõ da particula Quinëne, que significa muito; & destoutra quiãfuêe, que significa muito pouco.

(p. 41)

Neste ponto parece estar em jogo a noção visual de palavra. Uma unidade com significado mas não separada por espaço é tratada como partícula na maior parte dos casos.

Na alternância que ora privilegia a cadeia sonora, ora uma sequência com som e significado, nem sempre *partícula* refere um elemento com significado:

A todo o nome, que não significa racional, arvore, & instrumento de baile, se póde ajuntar por elegancia esta particula, Ri, com tanto que os taes nomes comecem por estas letras consoantes, B, C, F, N, L, S, T, Z. Exemplos ao B. Ribanga, casca de marisco. C. Ricão, copo de cabaça. F. Rifûta, redomoinho. L. Rilunda, aljava. N. Rinâmi, grude. S. Risanga, desprezo. T. Ritona, nodoa. Z. Rizuna, carranca. Rizûlo, nariz.

A palavra é uma unidade com significado. Mas, se desconsiderado o significado, surge o termo *voz*⁹:

Tambem servem de voz de chamar, fazendo vezes de O, vocativo dos Latinos, (p.8)

Não está explícita a noção de *radical*. Há uma unidade equivalente, mas estabelecida numa perspectiva que não conta com significado: a palavra composta apenas de suas “*letras e sílabas essenciais*”:

Primeira advertencia. Para sabermos porque letra começa o verbo, polohemos no Imperativo, sem algum acrescentamento, nem antes, nem depois; porque neste caso se poemo verbo simplezmente com suas letras, & syllabas essenciaes. verbi gratia. Gibá, mata tu. Nzóla, ama tu.

(Dias, 1697: 11)

Ou, levando em conta o significado, a denominação da própria classe parece também equivaler a *radical*:

Este se compoem, acrescentando-lhe a letra A, collocada entre a particula pessoal, & o verbo. verbi gratia. Nguizola, eu amo. Ngazôla, eu amei, üazola, tu amaste, &c.

(p. 24)

9. Dias emprega *voz* também para designar a cadeia sonora
Esta interjeição Mamee, prolongada a voz
no ultimo e, faz admiração de desastre. Ayuee,
faz admiração de magoa
(p.47).

Conclusão

Apesar das poucas páginas e pequeno formato, a *Arte* é um texto que traz muitas dificuldades para um leitor atual, a começar pela identificação da língua que dá título à obra.

Os ecos de uma *cultura oral-auditiva* (Ong, 1982) trazem, para surpresa de um leitor atual, uma obra sem índice. A memória supria a informação que hoje buscamos no índice, como permitia que Dias declarasse que poria “*a primeira palavra da regra Latina*” (p. 33), ficando no lugar de todo o resto a abreviatura “*etc*”. Mas a mudança para uma cultura visual já desponta no texto: são os paradigmas verbais apresentados em seis linhas, subtítulos com fontes e tamanhos diferentes, embora sem a consistência de uma obra moderna. Contudo não é apenas a macro-estrutura da obra que tem a tensão entre tradições distintas. O que denominamos atualmente gramática tradicional, isto é, a teoria que fundamentou o trabalho de Dias, dá mostras de estar num momento de transição quase imperceptível. Se não há *morfologia* como passamos a compreendê-la, em especial a partir do Estruturalismo, a obra de Dias nos permite perceber a preparação para seu surgimento. A palavra vai aos poucos ganhando partes constitutivas que podem coincidir com sílabas, mas às quais se pode atribuir significado.

O fato de não haver um campo denominado *morfologia*, nem unidades mínimas de som e significado não impediram que Dias fizesse uma descrição dos dados considerada muito boa mesmo nos dias atuais.

Referências

- ÁLVARES, Manuel. *De institutione grammatica libri tres*. Lisboa: João Barreiro. Ed. fac-similar: [s.l.] Junta Geral do Distrito Autónomo de Funchal, 1572 [1974].
- ARONOFF, Mark & Kirsten FUEDEMAN. *What is morphology?* Oxford: Blackwell, , 2005.
- BARROS, João de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigi[m], Typographum, 1540.
- BAUER, Laurie. *A glossary of Morphology*. Washington, D.C.: Georgetown University Press. 2004.
- BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian & MUGDAN, Joachim (eds.). *Morphologie/ Morphology: Ein Internationales Handbuch Zur Flexion Und Wortbildung/ an International Handbook on Inflection and Word-Formation* . The Hague: Mouton De Gruyter, 2000.
- CARRUTHERS, Mary. *The book of memory: A study of memory in medieval culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- CAVALEIRO, Estêvão. *Noua grammatices marie matris dei virginis ars*. Lisboa: Valentrim Fernandes da Nação dos Germanos, “Sole in septem cancri parte existente” [ca. 20 de junho] 1516.

- CRYSTAL, David. *Dictionary of language and languages*. London: Penguin Books, 1994.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1972.
- DASCAL, Marcelo & BORGES NETO, José. Do que trata a linguística afinal?. *Histoire, Epistemologie, Langage*, 13(1): 15-50, 1991.
- DIAS, Pedro. *Arte da lingua de Angola, / oeferecida [sic] / a Virgem Senhora N. do/ Rosario, Mãy, & Senhora dos mesmos/ Pretos*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade. Anno 1697. Edição fac-similar: Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006.
- FERNANDES, Gonçalo. De Institutione Grammatica Libri Tres (1572) de Manuel Álvares (1526-1583). *Revista da Academia Brasileira de Filologia* 4 (1): 85 – 99, 2007.
- HOCKETT, Charles F. Two models of grammatical description. In Joos, Martin, ed. 1957. *Readings in Linguistics I: The Development of Descriptive Linguistics in America 1925-56*. 4a. ed. Chicago, London: The University of Chicago Press. 421p. p. 386-399, [1954].
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAHN, Ilse. L'Ottocento - Biologia: Le origini della morfologia in Germania. *Storia della Scienza*, cap. 60, 2012. In: *L'Enciclopedia Italiana*. Disponível em [http://www.treccani.it/enciclopedia/l-ottocento-biologia-le-origini-della-morfologia-in-germania_\(Storia-della-Scienza\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/l-ottocento-biologia-le-origini-della-morfologia-in-germania_(Storia-della-Scienza)/) [Acesso em 30Mar203].
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos* [online]. 13, suppl.: 39-54, 2006.
- Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000500003&lng=en&nrm=iso. [Acesso em 29 Mar 2013]. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702006000500003>.
- LAW, Vivien. *Grammar and grammarians in the early Middle Ages*. London: Longman, 1997.
- LIEBER, Rochelle. *Introducing Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. 2a. ed. Lisboa/ São Paulo: Confluência/ Horizonte. 3vv, 1967.
- MARTÍNEZ GAVILÁN, María Dolores. La difusión en España de la doctrina prosódica de Manuel Álvares: el *Liber de Arte poetica* de Bartolomé Bravo y el *Arte* de Nebrija reformado. In: ASSUNÇÃO, Carlos; FERNANDES, Gonçalo & LOUREIRO, Marlene (eds.). *Ideias linguística na Península Ibérica (séc. XIV a séc. XIX)*. Münster: Nodus Publikationen. 2v. v 2. p.575-592, 2010.

- MATTHEWS, Peter. *The concise Oxford dictionary of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- ONG, Walter J. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London & New York: Routledge, 1988.
- PEREIRA, Marcos Aurélio. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de Gramática na Institutio oratoria*. 2a. ed. São Paulo: USP/Associação Editorial Humanitas, 2006.
- PLATÃO. Faidroj = *Fedro*. Texto grego John Burnet, trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPa, 2011.
- PLATÃO. Carta VII: Platão aos parentes e amigos de Díon. Saudações. Trad. de A. Pinto de Carvalho *Revista Brasileira de Filosofia*. 12 (48): 486-509, out./dez. 1962. <http://platon.hyperlogos.info/node/3030>
- QUINTILIANO. *Instituto oratoria*. Livro IX.
- http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Quintilian/Institutio_Oratoria/9D*.html
- ROSA, Maria Carlota. *Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, S.J.* Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2013.
- ROSA, Maria Carlota. A Arte da língua de Angola (1697) e a gramática latina de Manuel Álvares (1572). *Eutomia* (Recife). , v.II, p.3, 2010.
- THOMAS, Rosalind *Letramento e oralidade na Grécia Antiga*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e Linguística*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto.
- VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses: breve história. In: VERDELHO, Telmo & João Paulo SILVESTRE (orgs). *Dicionarística portuguesa: inventariação e estudo do patrimônio lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro. p.11- 59, 2007.
- VILLALVA, Alina. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.